



ESTADOS UNIDOS

Em queda nas pesquisas, Biden insiste na disputa

A Casa Branca e o próprio presidente voltam a descartar desistência da disputa em 5 de novembro. Mais um deputado pede ao democrata que abandone a campanha. Sondagem mostra avanço do republicano Donald Trump

» RODRIGO CRAVEIRO

Jim Watson/AFP

O suspense tomou conta da campanha democrata. Uma semana depois da atuação desastrosa de Joe Biden no debate com o magnata republicano — o presidente teve dificuldades para concluir o raciocínio e para se articular —, a Casa Branca foi veemente em esclarecer que ele não desistirá da reeleição. “Absolutamente, absolutamente não”, respondeu a jornalista a porta-voz da Casa Branca, Karine Jean-Pierre, ao ser questionada se Biden abandonará a corrida presidencial. Ela assegurou que a mesma mensagem “vem diretamente da campanha”. A declaração da assessora de imprensa parece ter sido providencial e foi complementada por uma fala do próprio Biden.

Em mensagem enviada por e-mail a assessores de campanha, ele avisou: “Deixe-me dizer isso da maneira mais clara e direta possível: estou concorrendo”. “Ninguém está me expulsando, não vou embora. Estou nessa corrida até o fim e nós venceremos”, declarou Biden. Horas antes, o jornal *The New York Times* havia divulgado que, em conversa com aliados, Biden teria afirmado que os próximos dias serão cruciais e que compreende sobre a impossibilidade de salvar a própria candidatura, se não conseguir convencer os eleitores sobre a aptidão para o novo mandato. A rede de televisão CNN também entrevistou uma fonte próxima ao democrata de 81 anos. Sob a condição de anonimato, ela disse que Biden está “lúcido” e reiterou sobre o caráter decisivo dos próximos dias. Jean-Pierre desmentiu que o presidente estaria aberto a pensar sobre a desistência. “É absolutamente falso”, comentou a assessora.

O tempo se esvai. Em apenas 46 dias, a Convenção Nacional Democrata reunirá delegados, ativistas e líderes do partido para confirmar o político que terá a missão de confrontar o magnata Donald Trump nas eleições de 5 de novembro. Nas fileiras do Partido Democrata,



Joe Biden chega ao Salão Leste da Casa Branca para participar de cerimônia da Medalha da Honra: futuro político em xeque

um segundo congressista sugeriu a Biden que dê lugar a um novo candidato. “Se ele for o candidato, eu o apoiarei. Mas acho que é uma oportunidade para buscar outro lugar. O que ele precisa fazer é assumir a responsabilidade de manter o cargo — e parte dessa responsabilidade é sair dessa disputa”, defendeu Raúl Grijalva, deputado pelo estado do Arizona.

Na terça-feira, o também deputado Lloyd Doggett, do Texas, tinha recomendado ao presidente renunciar à chapa. Entre os doadores de campanha, Reed Hastings, cofundador da plataforma de filmes e séries Netflix, disse que Biden “precisa se afastar para que permita que um líder democrata vigoroso derrote

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Há realmente somente um democrata apto a disputar a Presidência dos EUA. Essa pessoa é Biden, a quem os eleitores escolheram nas primárias deste ano. A vice-presidente Kamala Harris tem estado pronta, pelos últimos quatro anos, caso algo ocorra a Biden. E ela permanece assim.”

Heath Brown, especialista em política pública da Universidade da Cidade de Nova York

Trump” e mantenha os EUA “prósperos e seguros”.

Uma nova pesquisa do *NY Times* e do Siena College mostra que Trump ampliou a vantagem em relação a Biden. Caso as eleições fossem hoje, o republicano teria 49%

dos votos, enquanto o democrata ficaria com 43%, a maior diferença desde o começo da campanha. Entre os norte-americanos entrevistados, 74% dos eleitores externaram preocupação com a idade do atual presidente.

Decisão final

Especialista em política pública da Universidade da Cidade de Nova York, Heath Brown explicou ao *Correio* que a decisão sobre manter a candidatura ou não é “incrivelmente difícil”. “Foi uma decisão dura para ele disputar em 2016 e continua sendo assim. O presidente Biden serviu aos EUA durante décadas e isso certamente pesa neste momento”, comentou. Ele destacou que a decisão final cabe, única e exclusivamente, a Biden. “Os democratas não o substituirão na Convenção Nacional, a menos que ele mesmo peça”, observou.

O historiador político James Naylor Green, professor da Universidade Brown (em Rhode



Deixe-me dizer isso da maneira mais clara e direta possível: estou concorrendo. Ninguém está me expulsando, não vou embora. Estou nessa corrida até o fim e nós venceremos”

Joe Biden, presidente dos EUA e virtual candidato do Partido Democrata

Island), afirmou à reportagem que acredita na determinação de Biden de levar a campanha até o fim. “Ele tem isso em mente. Por isso, foi candidato em 2020. Se ele renunciar, não sei quem poderia assumir, neste momento, e apresentar condições de derrotar Trump. Falam sobre a ex-primeira-dama Michelle Obama, mas ela não quer ser candidata. Kamala Harris, a atual vice, também não tem capacidade de assumir”, avaliou. Green alertou que os democratas não têm escolha a não ser apoiar Biden. Ele lembrou que Barack Obama e George W. Bush tiveram desempenhos ruins em debates, mas recuperaram prestígio. “Há um pânico aumentado, especialmente porque o *NY Times* pediu a renúncia dele. Isso não ocorrerá, pois não existe alternativa.”

Kamala tem se esforçado em um equilíbrio político, na tentativa de defender o colega de chapa. “Joe Biden é nosso candidato, derrotamos Donald Trump uma vez e vamos derrotá-lo novamente”, disse ela, na terça-feira, à emissora CBS News, afirmando estar “orgulhosa” de fazer campanha ao lado do presidente dos EUA. “O candidato democrata em 2024 deveria ser Kamala”, escreveu o ex-democrata Tim Ryan em um artigo na revista *Newsweek*.

REINO UNIDO

Partido Trabalhista deve voltar ao poder após 14 anos

A estratégia do primeiro-ministro do Reino Unido, Rishi Sunak, de antecipar as eleições legislativas para hoje — as primeiras desde 12 de dezembro de 2019 — pode ter sido um tiro no pé. Todas as pesquisas apontam que o Partido Trabalhista vencerá com uma folga de cerca de 20 pontos percentuais (40% contra 20% para o Partido Conservador, atualmente no poder). As sondagens também mostram que Sunak, candidato a permanecer em 10 Downing Street, amarga uma rejeição de 71% dos cidadãos britânicos. Caso os trabalhistas retomem o poder, depois de 14 anos de governo conservador, Keir Starmer, 61 anos, sucederá Sunak no cargo de premiê.

“Com base em todas as evidências disponíveis, o Partido Trabalhista retornará ao poder, amanhã, com uma importante maioria parlamentar. A razão principal é negativa: a impopularidade do governo conservador de Rishi Sunak”, afirmou ao *Correio* Andrew Blick, diretor

do Departamento de Economia Política do King’s College London. Apesar de reconhecer que o Brexit — o divórcio entre Reino Unido e União Europeia — não foi muito discutido na campanha, o especialista acredita que o tema ampliou o poder de pessoas, como os ex-premiês Boris Johnson e Liz Truss. “Os mandatos turbulentos de ambos contribuíram para o aparente desastre eleitoral que se aproxima para os conservadores”, avaliou Blick. Johnson avalizou o apoio a Sunak e participou de um comício de campanha, em Londres, na noite de terça-feira, em uma tentativa desesperada de evitar a derrota nas urnas.

De acordo com Anthony Glees, professor emérito da Universidade de Buckingham, todas as pesquisas indicam que o voto trabalhista se mantém sólido, em torno de 40%, e que o Tory (Partido Conservador) ficará com 21% e será varrido do Parlamento, tornando complicada a sobrevivência do atual partido governista.

Andy Buchanan/AFP



Keir Starmer, líder do Partido Trabalhista, discursa em Glasgow, na Escócia, durante encerramento de campanha

dos votos, os trabalhistas conquistaram cerca de 430 cadeiras, enquanto os conservadores terão apenas cerca de 100”, previu. Para o estudioso, parte do péssimo desempenho dos tories nas pesquisas se deve ao fato de o atual premiê, Rishi Sunak, não ter competências necessárias para ser um comandante do partido e um líder nacional. “Ele não conseguiu concretizar nenhuma de suas promessas; em vez de combater a imigração ilegal, fez com que aumentasse; os preços dispararam e as pessoas sentem-se mais pobres do que em 2010. Mais de 60% dos eleitores consideram que o Brexit foi um desastre total, mas Sunak se orgulha por ter defendido a saída da União Europeia”, comentou.

“A razão para o provável fracasso do Tory não está tanto no sucesso dos trabalhistas, mas no racha da centro-direita britânica, com o ressurgimento de um partido independente pró-Brexit, o Reform UK, sob o comando de Nigel Farage, que aparece com 17% das intenções de votos. Se somarmos os votos do Partido Conservador e do Reform UK, teremos

o Partido Trabalhista apenas três pontos percentuais à frente da centro-direita.”

Glees explicou que existe uma incompatibilidade entre os assentos no Parlamento e o seu cálculo preciso, altamente complexo, dado o sistema eleitoral do Reino Unido e o apoio entre os eleitores. “Parece altamente provável que, com apenas 40%

Ainda segundo Glees, os britânicos não esperam muito de Starmer, exceto que ele não é Sunak e que seu partido não está dividido, como o Tory. Ele acredita que o Reino Unido dará “um grande suspiro de alívio” quando o atual premiê partir de 10 Downing Street. “Todos estamos furiosos com o que os conservadores têm feito desde o governo de Boris Johnson e suas festas durante a pandemia da covid-19, e a loucura econômica de Truss”, concluiu Glees.

Rainier Baubock, professor do Instituto da Universidade Europeia, em Florença (Itália), e diretor do Observatório Europeu sobre Cidadania, disse ao *Correio* que Starmer terá maioria absoluta no Parlamento e adotará a cautela à frente do Reino Unido. “Ele tem sido cuidadoso em relação a fazer promessas políticas específicas, a fim de não perder nenhum eleitor. Creio que ele não reabrirá negociações sobre um retorno à União Europeia, mas buscará maior colaboração com Bruxelas.” (RC)